

Representações da feminilidade e a regulação das emoções femininas no discurso *Red Pill*¹

Isadora Viana de Lima²
Henrique Moreira Mazetti³
Universidade Federal de Viçosa - UFV

Resumo

Este artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em andamento sobre a definição de regimes emocionais que fundamentam os ideais de feminilidade no discurso masculinista do movimento *Red Pill*. A partir das discussões sobre a difusão do masculinismo na mídia, da sociologia das emoções e de perspectivas teóricas oriundas do estudo de gênero, analisamos como as percepções sobre ser mulher e as formas adequadas de expressão e experiência feminina das emoções vêm sendo apropriadas, redefinidas e amplamente disseminadas por homens nas redes sociais, com foco no *Youtube*, com o intuito de reforçar dinâmicas de poder e dominação de gênero.

Palavra-chave: emoções; feminilidade; gênero; masculinidade; red pill.

Introdução

O discurso masculinista tem se espalhado pelas redes sociais como uma ferramenta de reforço da estrutura patriarcal, trabalhando de forma misógina a construção de referenciais acerca da feminilidade (VILAÇA, D'ANDRÉA, 2021. VELHO, MONTARDO, 2022. CASTELLANO, MIGUEL, 2023.). Nesse contexto, o movimento *Red Pill*, uma das vertentes do masculinismo, tem conquistado amplo espaço nas plataformas digitais, atraindo um grande público e revelando, cada vez mais, sua essência: a aversão a figuras femininas que não desempenham o papel de submissão.

Esta pesquisa tem como foco a análise de podcasts divulgados no *YouTube* por influenciadores como Júnior Masters, Thiago Schutz, Raiam Santos, entre outros, que se

¹ Trabalho apresentado na IJ06 - Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa – UFV. Bolsista de iniciação científica do CNPQ (2024-2025). Email: isadora.v.lima@ufv.br.

³ Professor do Departamento de Comunicação Social da UFV, Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. E-mail: mazetti@ufv.br

reúnem em entrevistas para propagar o que denominam de “filosofia Red Pill”. Divulgado em forma de autoajuda masculina, esse movimento tem sido utilizado como um canal de difusão de ideais de feminilidade, fundamentando-se em diversos fatores, com ênfase na regulação das emoções, aspecto aqui priorizado.

Ao observar os discursos masculinistas nesses podcasts, é possível identificar a articulação de exigências relacionadas à feminilidade, envolvendo comportamento, vestimenta, aparência física, contexto de vida e submissão ao homem. O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar, especificamente, os ideais emocionais estipulados pelo movimento *Red Pill* como determinantemente femininos, bem como as críticas atribuídas a comportamentos fora desse modelo. Dessa forma, ao considerarem características como devoção, inocência, delicadeza, entre outras, como inatas universalmente as mulheres, negam a humanidade feminina, encurralando-as entre a santidade e a depravação (ANJOS, 2020).

Para isso, parte-se de uma perspectiva que reconheça o papel decisivo das emoções humanas, sempre moldadas por contextos sociais, históricos e culturais específicos (ROSENWEIN, 2010; REZENDE & COELHO, 2019; WOLFF, 2021; FREIRE FILHO, 2017; FREVERT, 2012). Dentro desse cenário, a chamada *machosfera* surge como um território fértil para a propagação de discursos masculinistas nas plataformas digitais. Entender essa dinâmica é crucial para dimensionar como esse movimento se desenvolve, ganha impulso e, muitas vezes, legitima narrativas que impactam comportamentos e percepções sociais (VILAÇA & D’ANDRÉA, 2021; VELHO & MONTARDO, 2022; CASTELLANO & MIGUEL, 2023; ANJOS, 2020).

Metodologia

Esta pesquisa se ampara em um desenho metodológico qualitativo, de viés exploratório e interpretativo, inspirado nas técnicas de coleta, organização e sistematização de dados da análise de conteúdo. Na primeira etapa, foi realizada uma revisão do referencial teórico que embasa a análise do discurso *Red Pill*, com foco na construção de regimes emocionais que confinam as mulheres em predefinições consideradas naturais da feminilidade. Esse embasamento teórico possibilitou a formulação de categorias analíticas para interpretar os discursos midiáticos do movimento.

Sendo assim, estabeleceu-se um recorte temporal abrangendo podcasts de novembro de 2023 a abril de 2025, que tinham como foco a abordagem sobre relacionamentos, teoria *Red Pill* e debates acerca de feminilidades/masculinidades. A plataforma para a coleta desses podcasts foi o *Youtube*, devido a variedade de canais e à sua relevância na disseminação de conteúdos de longa duração. A seleção dos episódios priorizou aqueles que contassem com a participação de figuras influentes no movimento, esses que são Júnior Masters, Thiago Schutz, Raíam Santos, Bruno Giglio, Ricardo Thomé, Miguel Moreira e Alessandro Loiola.

Para a sistematização dos dados, foi elaborada uma tabela a partir dos episódios selecionados. Essa tabela inclui informações sobre os podcasts, como: nome do entrevistador e do entrevistado, data de publicação, título e número do episódio e nome do canal no *YouTube* onde foi publicado. Além desses dados descritivos, a tabela contempla os principais temas debatidos, as emoções mobilizadas, as estratégias discursivas utilizadas e as relações de poder e gênero estabelecidas ao longo do episódio. Essa análise dos dados permitiu a identificação dos ideais de feminilidade promovidos e rejeitados nesses discursos, com ênfase nos regimes emocionais.

Fundamentação Teórica

O senso comum constrói a noção de que as emoções são frutos de caráter natural e universal, estando presente, biologicamente e da mesma forma, em todos os seres humanos. Essa percepção serve, também, como estigmatização de grupos e hierarquias sociais, sendo passada como intrínseca à química do cérebro, que foi desenvolvida a partir da necessidade de adaptação para a sobrevivência na era pré-histórica. Assim, as emoções seriam invariáveis e imutáveis, estando presentes da mesma forma independente do contexto, da época ou do espaço, não tendo relação com a cultura que vivenciam.

Em contrapartida a isso, Rosenwein (2010) e Rezende & Coelho (2019) apresentam concepções para contestar a visão universalista e biologizante, propondo uma perspectiva que compreende as emoções como construídas socialmente, além de mudarem ao longo do tempo de acordo com os valores de cada sociedade. Logo, as emoções, mesmo que possam ser sentidas desde o nascimento, são frutos não só de reações biológicas, como também de contextos de interação em um ambiente social e cultural, sendo internalizadas na infância e acompanhando o indivíduo durante sua vida.

Barbara H. Rosenwein (2010) complementa essa visão ao apresentar o conceito de comunidades emocionais, grupos que compartilham regras sobre a expressão e valorização das emoções. Essas comunidades, como a família, moldam os sentimentos de seus membros e regulam suas interações afetivas. Em paralelo, como destacam Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho (2019), as reações emocionais diante do outro – como compaixão ou indiferença – são determinadas pelas relações interpessoais e pelas fronteiras sociais estabelecidas.

Tendo isso como base, Cristina Scheibe Wolff (2021) reforça que as emoções, além de serem socialmente construídas, operam como mecanismos políticos que regulam identidades e relações de gênero. Nesse sentido, as normas emocionais desempenham um papel de reforço a papéis de gênero, estabelecendo expectativas distintas sobre como homens e mulheres devem sentir e expressar emoções. Essa divisão não se limita apenas ao tratamento diferenciado entre "nós" (homens) e "outros" (mulheres), mas também à disseminação de um regime emocional que consagra as mulheres como seres emocionais e os homens como seres racionais.

Além desses autores, esta pesquisa também utilizou das concepções de Ute Frevert (2012) e João Freire Filho (2017) para ressaltar que ao longo da história, as emoções foram instrumentalizadas como meio de manutenção das hierarquias de gênero, isso sendo justificado com base em questões biológicas, naturais e religiosas, em que o contexto e a cultura patriarcal são relegados às sombras. Dessa maneira, a emoção "genderizada" não apenas reafirma papéis sociais estereotipados, mas também exclui e penaliza aqueles que desafiam essas normas, transformando a emoção em um campo de controle e resistência.

Análise

Dentro do corpus coletado para a realização dessa análise acerca dos regimes emocionais ligados à feminilidade no discurso *Red Pill*, separamos podcasts divulgados no *Youtube* por integrantes do movimento, nos quais os debates evidenciam essa construção. A dimensão que aqui será priorizada é a dicotomização de mulheres boas e más com base na expressão de sentimentos em determinados contextos em que são colocadas.

A construção da imagem da mulher submissa, voltada ao lar e casta, como naturalmente feliz e realizada, contrapõe-se à figura da mulher insatisfeita, raivosa e ressentida - aquela que rejeita os padrões de gênero e desafia a ordem tradicional. No discurso masculinista, essa segunda representação é frequentemente associada a feministas ou mulheres que priorizam a carreira em vez da vida doméstica, sendo vistas como responsáveis pela desestabilização dos papéis masculinos e femininos na sociedade.

Um exemplo dessa lógica pode ser observado na análise de Castellano e Miguel (2023) sobre a tática comunicativa do autor masculinista Nessahan Alita, figura recorrente em podcasts do gênero. Os autores descrevem uma estratégia retórica em que Alita adota inicialmente um tom moderado, para, em seguida, enunciar um discurso violento e misógino, o que tem sido tolerado por plataformas como *YouTube* e *Amazon*. Embora o autor afirme criticar apenas um tipo específico de mulher, a "trapaceira amorosa espertinha", todas que não seguem um padrão rígido de submissão se tornam ameaças. Ou seja, sua narrativa configura um padrão de misoginia simbólica e discursiva.

Como ilustração disso, evidencia-se um episódio divulgado em outubro de 2024 pelo canal *Podcast 3 irmãos*, que conta com mais de 320 mil inscritos. Com o título “A Redpill no Mundo Real”⁴, o entrevistado Júnior Masters - figura proeminente do movimento *Red Pill* e autor do canal masculinista *RedCast* - ao lado dos co-hosts Rodrigo Tiorro e Roberto Borracha, debatem as dinâmicas das relações modernas, idealizações femininas, masculinidades, entre outros temas. Durante a conversa, Júnior Masters argumenta que as mulheres lideram o consumo de álcool e antidepressivos devido à insatisfação gerada pelo trabalho, sugerindo que esse esforço não é algo natural para elas. Por mais que elas se esforcem, o *Red Pill* afirma que não dura muito tempo, citando como exemplo as médicas:

Você pode olhar no Conselho Regional de Medicina aqui de São Paulo, essa estatística está pública, as mulheres morrem depois do que os homens, em média de 8 anos. Quando se trata dentro do ramo médico, as médicas estão morrendo mais cedo. Parte por conta da pressão, do trabalho excessivo, longas horas, imagina o plantão. [...] Elas também não estão felizes, como eu falei, elas conseguem chegar nesse nível de ganhar bem, mas vai chegar uma hora que a conta vai chegar

⁴ Acesso em 10/04/25. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IyhqfjltVeA&t=3969s>

Ao longo do episódio, os participantes também apontam que mulheres que optam por se dedicar ao lar, antes vistas como exemplo, hoje são frequentemente criticadas. À vista disso, comentam uma possível desigualdade reversa, em que, ao dominar o mercado de trabalho e ganhar mais, muitas mulheres enfrentam dificuldades para encontrar parceiros, o que estaria gerando estresse e impactos na saúde mental.

Outra fala marcante do Júnior Masters envolve o divórcio, alegando que 75% das separações ocorrem por iniciativa das mulheres. Esse fato, segundo o *Red Pill*, deixa evidente que os homens estariam muito mais dispostos a se sacrificar a felicidade pela família, enquanto as mulheres - estas que não se qualificam como esposas ideais - tem uma visão individualista ao se preocuparem apenas com os próprios desejos.

75% dos divórcios são iniciados por mulheres, a mulher pula fora do casamento com uma facilidade muito maior do que o homem. Por isso eu falei, se os homens soubessem o que se passa na cabeça de uma mulher, eles que pediriam divórcio. A maioria dos homens não tem o olhar de admiração das esposas, homem de sucesso é tratado em casa como um lixo.

Logo em seguida, ele afirma novamente:

Você sacrifica qualquer coisa em cima desse plano maior. O motivo maior do homem é a família, por isso você trabalha, se arrisca, sofre riscos, por isso que você pensa em tantas outras coisas. Pra que tudo continue melhor, porque através dessas outras coisas, você mantém progredindo também a sua família. [...] É difícil esperar essa mesma postura de uma mulher, porque via de regra os outros que se sacrificam por ela.

Dessa forma, a feminilidade é reduzida a um ser que é guiado por emoções e desejos, se tornando, assim, egoísta. O homem, pelo contrário, é racional, se sacrificando por um bem maior ao organizar tudo para facilitar o “progresso” familiar. Afirmção essa que entra em conflito com os dados apurados em 2023 pela GloboNews⁵ por meio do Portal da Transparência do Registro Civil, em que no Brasil mais de 100 mil crianças foram registradas sem o nome do pai na certidão; quase 500 por dia. Esses números questionam diretamente a ideia de que os homens se sacrificam incondicionalmente pela família, evidenciando a lacuna entre o discurso *Red Pill* e a realidade social.

⁵ Saiba mais em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/08/13/brasil-registrou-mais-de-100-mil-criancas-sem-o-nome-do-pai-so-neste-ano-sao-quase-500-por-dia.ghml>

Sendo assim, dentro da *Red Pill*, essa problemática é associada a uma figura de mulher moderna, despreocupada com a família e com os filhos, focando apenas no trabalho, o que prejudicaria não só a instituição familiar, como também a saúde mental feminina e a estabilidade da sociedade, essa que só se organiza de maneira coesa a partir da adequação das normas tradicionais de gênero (homens na esfera pública e mulheres na esfera privada). Logo, a infelicidade é ligada a priorização da carreira, já que dessa forma as mulheres nunca realizariam sua “missão natural”, que é a maternidade e os cuidados com o lar.

Contudo, essa associação negativa é construída como contraponto à mulher feliz, essa que aceitou o seu “caminho biológico” ao ser mãe, esposa e edificar o lar. Surge, então, no discurso *Red Pill*, a formação de uma mulher ideal, que todos os homens deveriam procurar ao se relacionar amorosamente. Uma reprodução desse viés aparece no episódio 199⁶ do canal *RedCast*, que possui mais de 270 mil inscritos, transmitido em abril de 2024, contando com a participação de Júnior Masters, criador do canal, do co-host Andrei Toribio, conhecido como Tucano, e do entrevistado Raian Santos. A conversa parte da trajetória pessoal de Raian, abordando temas como sua filha, publicações e visões de mundo. No entanto, o foco rapidamente se desloca para discussões sobre relacionamentos “saudáveis”, com forte ênfase na defesa de valores tradicionais como fundamento dessas relações.

Em determinado momento, Santos é questionado sobre a cantora Anitta, por quem já demonstrou interesse no passado. Ele afirma ter mudado de opinião, justificando que ela representa o perfil de uma “mulher carreirista” — algo que, segundo ele, não valoriza. O influencer critica a forma como a mídia enaltece esse tipo de figura:

A mídia nos faz valorizar essa mulher diretora de multinacional, essa mulher bem sucedida, essa mulher bem resolvida, essa mulher com dinheiro. Só que na nossa evolução, sempre vamos preferir a mãe solteira porque ela se realizou como mulher, ela tem o polo feminino dela desenvolvido. Eu sempre gostei mais de mãe solteira do que mulher de carreira.

⁶ Acesso em 10/04/25. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BnCGYt_MoMU&t=5048s

Logo em seguida, Tucano reitera essa crítica a mídia, pontuando que os “caminhos para o mal” estão sendo glamourizados, enquanto o único caminho que leva para o futuro, este que prioriza os papéis tradicionais de gênero, está sendo deteriorado, já que a “mulher bela, recatada e do lar” - se referindo com elogios a Marcela Temer, esposa do ex-presidente Michel Temer, que é considerada um exemplo a ser seguido - não está mais sendo valorizada e sim criticada.

Em outro momento do episódio, os participantes discutem o papel da mulher na sociedade, defendendo a ideia de que o “auge da realização feminina” está no casamento e na maternidade. Essa posição é reforçada por comentários que enfatizam que a mulher não deve se estressar e deve ser protegida, como parte de um ideal conservador de estrutura familiar. A partir dessa perspectiva, os apresentadores constroem o conceito da “mulher série A” - descrita como rara e valiosa. Tucano a define como “a mulher que é bonita o suficiente para ser modelo, teve pai e mãe, sabe o que é uma família estruturada, vem de uma família conceituada, nobre, e ela não escolheu ser modelo, ela não escolheu trabalhar, ela escolheu esperar para casar”

Esse regulamento emocional em torno da felicidade contribui para a construção de um arquétipo idealizado da feminilidade, promovendo o desejo e a busca por “anjos do lar”. Segundo os masculinistas, essa performance deve ser alcançada a partir da abdicação da carreira e de outras participações na esfera pública, a fim de adquirir a sua completude no lar e promoção do bem social cuidando da maternidade. Portanto, como propõe Júlia Anjos (2020, p. 406), é uma estratégia de “justificar a privação de direitos - que, deste modo, não era vista como uma restrição, mas sim como um pequeno sacrifício que vinha com grandes recompensas e funcionava também como uma fonte de prestígio”.

Desse modo, a mulher que abdica da vida pública para se dedicar exclusivamente ao lar não é apenas vista como virtuosa, mas como alguém que atingiu um nível superior de equilíbrio emocional, paz interior e sentido existencial. A satisfação prometida está menos relacionada ao prazer individual e mais à ideia de completude de uma mulher que “se encontrou” ao cumprir o que seria seu destino natural. Logo, pode-se considerar que desvios significativos as emoções orientadas podem ser vistas socialmente como algo negativo, do qual necessita de correção, enquanto aqueles que se alinham a diretrizes afetivas são recompensados de maneira subjetiva, doméstica, profissional ou celestial.

Conclusão

A análise do discurso *Red Pill* evidencia que as emoções são mobilizadas estrategicamente com o objetivo de reforçar papéis tradicionais de gênero. Nos episódios analisados, a felicidade e a infelicidade são emoções medidas a partir da conduta e preferência das mulheres, de maneira que a complexidade do ser humano é ignorada e condenada a um modo de vida único. Resultado disso, é construído um regime emocional que encurrala as mulheres entre anjos do lar e uma possível ameaça a organização familiar. Enquanto a submissão e a dedicação ao lar são atreladas a uma realização natural, o desejo de seguir carreira, de não ser mãe ou de não se casar são ligados a patologias e usadas para desqualificar qualquer alternativa fora do modelo tradicional.

Além disso, a *Red Pill* se apropria de dados sobre saúde mental, consumo de antidepressivos e dificuldades nos relacionamentos para reafirmar que a busca feminina por autonomia resulta inevitavelmente em frustração. Essa retórica não apenas estabelece um ideal emocional para as mulheres, mas também funciona como um mecanismo disciplinador: a felicidade da submissa é enaltecida como prova de que a tradição é o caminho correto, enquanto qualquer expressão emocional contrária é tratada como falha.

Portanto, esse discurso não só contribui na manutenção do patriarcado, como também se torna uma ferramenta de controle, determinando quais emoções são legítimas e quais devem ser desacreditadas. Compreender essa dinâmica é essencial para desnaturalizar discursos que vinculam a felicidade feminina à obediência e questionar as estruturas emocionais que sustentam relações de dominação.

Referências

ANJOS, Júlia Cavalcanti Versiani dos. “As garras do feminismo”: discurso de ódio antifeminista no Facebook e o senso de urgência controlada. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 45, p. e2022119, 2022.

CASTELLANO, Mayka; MIGUEL, Vinícius Machado. “O sofrimento amoroso do homem”: misoginia e discurso de ódio na literatura masculinista de autoajuda. *RuMoRes*, v. 17, n. 34, p. 116-135, 2023.

DOS ANJOS, Versiani; CAVALCANTI, Júlia. Misoginia como retórica política: O caso do movimento antissufrágio. *Revista Ártemis: Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidades*, v. 30, n. 1, 2020.

FREIRE FILHO, João. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. MATRIZES, v. 11, n. 1, p. 61-81, 2017.

FREVERT, Ute, Gênero e História. o exemplo da vergonha. In: CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). História das emoções: 3. do final do século XIX até hoje. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020.

GABRIEL VELHO, Eduardo; PORTELLA MONTARDO, Sandra. A manifestação da masculinidade tóxica em um fórum de internet anônimo brasileiro. Revista Fronteiras, v. 24, n. 2, 2022.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. Antropologia das emoções. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

ROSENWEIN, B. H. História das emoções. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. Revista Eco-Pós, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021.

WOLFF, Cristina Scheibe. Gênero, emoções e afetos na política. In: WOLFF, Cristina Scheibe (org.). Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.